

CAMINHOS DE REVITALIZAÇÃO 2011-2015

A Pastoral da Juventude da América Latina, através do Projeto de Revitalização: “*A Vida da Juventude: Um caminho de Discipulado e Missão*”, prossegue seu caminhar nas pegadas do Divino Mestre, em acolhida à proposta da Missão Continental, na concretização do Reino de Deus, convidando-nos, neste ano de 2012, para uma visita à cidade de Nazaré:

Vamos a Nazaré?

Comover e cuidar: a espiritualidade e a mística de Maria e de Jesus

Desde que partimos de “Emaús” (2008), estamos revisitando os lugares percorridos por Jesus, de Belém até Jerusalém, a cidade santa que tudo atrai para si (Lc 24,49.52) – lugar da morte e ressurreição de Jesus e da manifestação do Espírito Santo aos discípulos, e também o lugar de onde se espalharão os missionários que anunciam a boa-nova até os confins do mundo (At 1,8).

Nazaré de Maria: O Filho de Deus torna-se corpo: é uma criança!

Alegria e cuidado!

O momento histórico que atravessamos, com rápidas e profundas transformações sociais e culturais, desafia a Igreja deste terceiro milênio a deixar as “seguranças” e avançar, abrindo sempre caminhos novos de solidariedade e compromisso com os (as) excluídos (as) do sistema do mercado global, fomentando a humanização da sociedade, para que possa continuar sendo um testemunho vivo e eficaz da presença de Deus e do seu Reino neste mundo.

Vivemos em sociedades em que a cultura da imagem, através dos meios de comunicação, utiliza o corpo para fins comerciais e consumistas despertando desejos e sonhos, nem sempre realizáveis. Esta mesma cultura, porém possibilita o conhecimento da realidade que nos cerca tanto para ver e admirar os corpos belos e produzidos dos artistas como para contemplar os corpos fragilizados das crianças, dos enfermos e dos idosos. Esta nova cultura, com suas imagens e sons diversos, sensibiliza e potencializa nosso corpo para contemplar, acolher e reconhecer Deus em seu Filho Jesus na pluralidade dos corpos belos e sofridos, maquiados e maltrapilhos, encantadores e desfigurados. Isso é possível porque Deus se fez criança, se fez jovem, adulto... humano!

O mistério da encarnação convoca-nos a contemplar as pessoas com novo olhar, cheio de ternura e compaixão. Assumir a encarnação de Jesus é profecia atual: leva-nos a perceber a

profundidade da vida em todas as suas etapas e dimensões. Não é possível crer que Deus se humanizou e ficar indiferentes à desumanização de corpos famintos, explorados, caídos pelas ruas.

O evangelho de Lucas nos recorda Jesus no meio dos pobres já desde o seu nascimento (Lc 2,1-20). O Filho de Deus assume o corpo frágil de uma criança, confundindo os grandes e os poderosos (Mt 2,3). Ele não nasce num palácio real, mas desprovido de toda riqueza e triunfo, tem como berço a manjedoura de animais, numa pequena gruta de Belém. Há uma intenção teológica na narrativa do nascimento de Jesus: o Messias deveria nascer em Belém, Terra de Judá, por ser a “cidade de Davi” (Mq 5,1; Mt 2,6). José e Maria, portanto, partem de Nazaré para Belém obedecendo às ordens do imperador César Augusto que impôs o recenseamento de todo povo, cada um na sua cidade natal (Lc 2,1-5).

A situação de Maria não deve ter sido idílica, ainda que não saibamos se a viagem teria sido nos primeiros ou nos últimos meses de gravidez, pois Lucas não diz: quando chegaram a Belém, se completaram os dias para o parto, mas: “enquanto estavam em Belém” (Lc 2,6). Seja como for, Maria viveu uma situação humana dramática e tem muito a nos ensinar. Quando se vive a intimidade com Deus, não se sente medo de nada. Aí transparece a grandeza de Maria: ela permanece serena e entregue à vontade de Deus. Desvela-se em cuidados, juntamente com José, ao pequeno Jesus, “envolvendo-o em faixas e deitando-o numa manjedoura” (Lc 2,7).

Jesus experimentará o cuidado e o carinho de seus pais na grande aventura da filiação que acontece no cotidiano e que lhe proporcionará o crescimento em idade, sabedoria e graça, diante de Deus e dos homens (cf. Lc 2,40.52). Jesus não foi isento da necessidade do aconchego familiar para o seu desenvolvimento psico-afetivo-social, humano-espiritual. Ao final de sua vida, Jesus terá seu corpo envolvido em faixas (Lc 23,53), antes de ser colocado no sepulcro. Do nascer ao morrer, o cuidado tem seu lugar em todas as fases da vida, enobrecendo, ainda mais, a dignidade humana.

À luz da experiência do *cuidado* de Maria e de Jesus, jovens responsáveis que somos por uma formação integral e integradora, convém perguntar-nos a respeito da percepção e do cuidado de nosso corpo assim como do corpo das outras pessoas com as quais convivemos e nos relacionamos. Como reagimos ao estímulo dos desejos promovidos pela propaganda, para que nos tornemos cada vez mais fortes consumidores? A sociedade dominada pela cultura da mídia “coisificou” o corpo, exaltando-lhe a beleza que corresponde ao padrão do mercado global e que gera dinheiro e, por outro lado, gera exclusões. Como nos posicionamos frente a esta sociedade?

Deixemo-nos envolver pelo mistério de um Deus que assumiu a nossa corporeidade e que nos deu um corpo moldado por seu amor! Toda criança que nasce traz ao mundo a boa-nova da alegria: Deus continua sorrindo para a humanidade! Daí a exigência cristã da denúncia quando corpos de crianças são jogados no lixo, maltratados pela fome, vítimas do trabalho escravo, da violência, da exploração; quando pessoas que vivem nas ruas tornam-se o lixo humano do sistema social. Enfim, quando qualquer pessoa é desrespeitada em sua dignidade.

A alegria do nascimento de Jesus foi compartilhada pelos pastores que cuidavam do rebanho, à noite (Lc 2,8-20). Os pastores eram pessoas desprezadas, para as quais não havia lugar na cidade, como não havia lugar para José, Maria e o Menino (Lc 2,7) dentro da casa – espaço da acolhida, do aconchego, da segurança.

A notícia do mensageiro divino é acompanhada pela indicação de um sinal, ou seja, o acontecimento de algo extraordinário como em outros momentos da história do povo de Deus (Ex 3,12; 1Sm 2,34; Is 37,30). O sinal é “um recém-nascido envolto em faixas e deitado numa manjedoura” (Lc 2,7). O sinal poderia ser traduzido nestas palavras: fragilidade, pobreza, simplicidade. Deus não se apresenta de forma grandiosa; subverte as expectativas de um Messias poderoso. Não há pompas, esplendor, brilho. Tudo indica despojamento, sobriedade, proximidade à realidade dos mais pobres. Conseguimos perceber os sinais da presença de Deus em nossa realidade ou nos ofuscamos com as ilusões da sociedade de consumo? O que estamos valorizando: as aparências ou o cultivo da verdadeira *alegria*?

A alegria dos pastores os impulsiona a partirem, às pressas, até Belém para “ver” a realização da Palavra do Senhor. Com os olhos da fé, eles veem naquele recém-nascido o Filho de Deus, o Salvador da humanidade. E louvam e glorificam a Deus pelo que viram e ouviram. Maria, porém, em meio a toda essa atmosfera de explosiva alegria “conservava cuidadosamente todos os acontecimentos e os meditava em seu coração” (Lc 2,19). Maria não entende, de imediato, tudo que está vivenciando, mas escuta atentamente, mergulha com profundidade no amor de Deus e procura descobrir o significado dos acontecimentos. Acolhendo e discernindo o sentido dos fatos, Maria cresce na fé.

A revelação do amor Deus e do seu Filho Jesus continua acontecendo através dos pobres e pequenos, de quantos o acolhem, na fé e no amor, a exemplo de Maria, de José, dos pastores... Em Jesus, Deus fez sua morada definitiva no meio da humanidade. Sejamos testemunhas dessa realidade, na *alegria* e no *cuidado*, defendendo a vida, a corporeidade que é “expressão, reflexo visível e realização do ser humano uno e indiviso”.

Ir. Maria de Lourdes Augusta, PIDP.